

## **A COMUNA DE PARIS E SUA VERDADE NO SÉCULO XXI**

**Edmilson Borges da Silva**

---

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação  
em Sociologia pela UFG – Universidade  
Federal de Goiás.

---

As lições necessárias no contexto atual entre o evento histórico, a Comuna de Paris de 1871 e a pandemia da covid-19 causada pelo Sars-CoV-2 (síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2) iniciada em dezembro de 2019. Dois eventos separados no tempo por 150 anos. O primeiro tem suas consequências, seus eventos narrados e disputados pela história e pela memória. Celebrado como a primeira revolução proletária que apontou o caminho necessário para a emancipação humana, o arquétipo revolucionário do proletariado no capitalismo. Para outros, a Comuna de Paris, um evento que precisa ser esquecido na história ou entregue como um ato de vândalos que os “mocinhos” em nome do Estado burguês – os bárbaros – aniquilou.

Existem ainda aqueles que entendem que não é nem uma coisa ou outra, estes, se apegam às minúcias do evento para dizê-lo como mais um momento histórico que não tinha o potencial revolucionário celebrado e que suas condições históricas são claras demais para serem esquecidas. Estes, fazendo o papel da letra morta, basicamente querem se colocar acima da dinâmica viva de disputas antagônicas, são apenas narradores, quando muito, da carnificina que os facínoras – em nome do Estado capitalista – empreenderam para interromper o ensaio promulgado pelos combatentes



que formaram “o governo dos produtores” e sonharam por dias na cidade, a sociedade livre do Estado, do exército e da igreja, instituições caras à vida dos “produtores”.

Comuna de Paris, evento histórico realizado pelo proletariado de pouco mais de 70 dias, na capital francesa, no contexto em que o século XIX já enunciava sua aurora final. Um evento com profundas ressonâncias para o movimento político, ainda hoje capaz de inspirar a liberdade, a dignidade que merece e pode provocar o proletariado como classe autodeterminada; evento que a educação burguesa no seu banco escolar pouca importância dá, é necessário esquecer-lo ou, no máximo, deturpá-lo.

O segundo evento dessa inusitada, aparente e estranha relação, a pandemia do covid-19. Uma pandemia, como entrega sua qualificação, ocorrendo em todos os países do planeta terra. Uma doença infecciosa que parte das condições do seu início são conhecidas, seu fim é quase impossível de ser indicado, as condições de seu controle estão sendo construídas. As mentiras, os medos e os impactos afetam classes sociais distintas de forma diferente. Os trabalhadores, 150 anos atrás foram vítimas da truculência, beligerância e virulência dos que precisavam manter as condições hodiernas da exploração dos trabalhadores, hoje, as vítimas continuam sendo os que partilham o modo de vida e interesses comuns na labuta em oposição à burguesia e o Estado que lhe é adequado. Os trabalhadores são afetados por falsas notícias, pelo descaso nas condições de tratamento, pelo desemprego, a fome e as armadilhas que os incitam à exposição na luta pela sobrevivência.

Dois eventos que guardam em comum o mesmo palco, o ciclorama que circunda esse fronte é o capitalismo, as rotundas que maquiagem o fronte tem seu colorido em fases diferentes desse fronte em desenvolvimento. A Comuna de Paris é marco para o início do regime de acumulação intensivo. Com as revoluções burguesa e industrial, burguesia consolidada como classe dominante, consolidação dos Estados nacionais do regime de acumulação anterior; o proletário, que em diversos momentos serviu aos intentos enganosos da burguesia, agora cobrava a conta e prenunciava o autocontrole de suas vidas e dos rumos sociais e políticos do mundo. Já a pandemia do século XXI acontece sobre o triste colorido do regime de acumulação integral e poderá significar, no mínimo, uma forte crise desse regime.



O capitalismo de hoje é outro, sua essência é a mesma – realizar o mais-valor – não importa o custo para o meio ambiente e não importa as vidas que tombarão em suas diferentes rotundas. Se a essência do capitalismo é a mesma, sua maneira de realizá-la sofreu variações e ampliou os requintes. Com uma população muito maior do que era em 1871, amplo desenvolvimento da urbanização, diferentes técnicas e tecnologias nos processos produtivos, etc., o mundo capitalista precisou ampliar e qualificar suas ideologias, sua liturgia de leniência das almas irrequietas, bem como, qualificou seu poderio bélico que já nos dias finais da Comuna não hesitou em matar. Portanto, o modo de produção capitalista em suas fases distintas, continua tombar os que estão no caminho, não importa a forma, importa convencer, introjetar no explorado que sua agonia nada tem a ver com o modo de produção, com o Estado que lhe é apropriado, com sua forma de expropriação e suas relações internas e externas na configuração que lhe é satisfatória.

Na Comuna de Paris o movimento do proletariado contou com solidariedade internacional, com participação de indivíduos de outras nacionalidades, decretou a laicização e ampliação da educação, organizou a autodefesa, ordenou o horário de trabalho livrando muitos trabalhadores de intensas jornadas, garantiu o intenso debate, ampla participação e deliberação coletiva nos rumos da Comuna. Mesmo que eventuais “erros” tenham cometido, ainda que entre alguns comunardos ressoavam os brados de eventos históricos já derrotados; o que de fato faltou ao movimento foi tempo para conseguir enfrentar dois exércitos que sitiavam Paris. Os prussianos que haviam derrotado Napoleão III na batalha de Sedam e cobravam a conta, os lacaios sob o comando de Adolphe Thiers, prontos para se submeterem aos termos da exigência do exército vencedor e imputar aos trabalhadores o pagamento, ambos pressionavam a Comuna de Paris. Sitiados foram brutalmente derrotados, os números são contraditórios, no entanto, 20 mil foram executados na semana sangrenta, 7.500 foram encarcerados ou deportados, além do intenso trabalho em desacreditar a Comuna que foi efetivado durante e posteriormente aos atos dos Comunardos.

No mundo do século XXI, precisamente quando termina a segunda década e inicia sua terceira década, um vírus é a sustentação para acentuar a exploração, para expor a



face permanentemente cruel do capitalismo. Se para o capitalismo desempregar basta um anúncio de mais sol e menos chuva, ou sua inversão; no capitalismo os famigerados “especialistas”, pagos pelos donos do capital, são acionados com o discurso pronto quando a instabilidade na volatilidade do câmbio, sabendo que o dólar é referência monetária, ou as alterações dos preços de uma commodities, o petróleo, altera os preços de todos os outros produtos a esta indexado, para desencadear o mantra que justifica a oneração dos custos de forma generalizada, causando perda de capacidade de compra dos trabalhadores, desemprego e uma de suas graves consequências, a fome.

Os capitalistas são mestres em transformar desgraças que anunciam possibilidade de perda de acumulação de capital numa fonte, exatamente do contrário, manter ou ampliar a acumulação, não importa o custo e o empobrecimento de muitos com a especulação, o desemprego e a qualificação das maneiras de aumentar a exploração. No final de novembro de 2021, já são 5, 22 milhões de mortos por covid-19 no mundo. Se existe um lamento dos capitalistas e o Estado que lhes representa é o perigo para a acumulação de capital. O modo de produção não produz lágrimas quando estas não têm algum valor de troca no processo de distribuição e circulação de mercadorias. As constatações de Karl Marx que a história é cravada pela história das lutas de classes nas sociedades classistas, de que o Estado é o comitê dos negócios da burguesia, entre outras, não é latente é evidente nesses momentos, o grito lamentoso de tantos reunidos em assembleias nos diferentes templos consagrados ao capitalismo, para atenuar ou demonizar a existência das classes sociais e o confronto dessas, só declara o acerto de suas análises e teorias.

Em momentos de catástrofes, de eventos que ampliam a perenidade do sofrimento para milhões de pessoas no mundo, os larápios, os facínoras, os lacaios, os bárbaros que sustentam o capitalismo com suas instituições balizadoras, mobilizam suas energias, articulações e a prontidão para expropriar e sacrificar vidas humanas no altar sem deuses ou, não importa o Deus que consagra. Afinal, o progresso capitalista conta mesmo é com o “correntão de arraste”, este amaina a “selvageria” resistente e lhe fornece as condições para plantar as sementes estéril que conformará o seu potente



discurso na montagem do frágil empório que compromete a segurança e a existência humana, comprometendo as condições necessárias ao presente e as gerações futuras.

No Brasil, os efeitos reais que o discurso especializado parcialmente explica, apenas isso, explica, não se comove, não mobiliza, não denota sofrimento, apenas explica porque o momento é assim consolidado, indicam ainda, possibilidades para que o Estado possa implementar buscando saídas. Nessas saídas estão as artimanhas de sempre para garantir a sobrevivência do capitalismo e a exploração ampliada dos trabalhadores.

Os mantras atuais são “desregulamentação”, “garantia jurídica”, “menos Estado na regulação trabalho capital e mais Estado na segurança dos negócios”, “incentivo ao empreendedorismo” etc. Na contagem oficial já são 13,7 milhões de desempregados, uma taxa que já foi maior e começa a cair, vive oscilações mantendo-se em patamares altos, fora os números quantificados no eufemismo denominado de desalentados, não existe emprego por que procurar. Pesquisas indicam que 59,4 dos lares brasileiros estão em situação de insegurança alimentar durante a pandemia, dados de um levantamento realizado pela universidade livre de Berlim em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade de Brasília. Se mais da metade dos lares brasileiros estão em situação de insegurança alimentar, 19 milhões passam fome, é o que denotam os dados que estão visíveis em inúmeras plataformas on-line ou, basta assistir qualquer telejornal para observar sua repercussão.

Nessa relação de eventos distintos, separados no tempo, o que a Comuna de Paris ensina aos trabalhadores de hoje é que, o capitalismo, mesmo tentando disfarçar sua crueldade jamais será solidário ao sofrimento dos produtores de riquezas, só deseja sua intensa exploração; ensina ainda que não existe outra saída aos trabalhadores que não seja superar a existência desse modo de produção e tudo que lhe é apensado: Estado, forças repressoras e o canto de sereia ideologicamente declarado em diferentes formas de regularização das relações sociais.

Ensina ainda, que o capitalismo em sua regularidade, em momentos de calma não hesita em eliminar vidas por sua violência declarada, pela fome que gera etc. Quando confrontado não hesitará em eliminar em massa o proletariado como classe



social e qualquer outro grupo social que atravessar o seu progresso. Daí, a lição histórica que a Comuna de Paris indica ao proletariado do mundo e grupos que a este se somar, deve considerar que o confronto ao capitalismo deve ser elaborado na investigação, na sapiência das oficinas de lutas sociais, deve aprender com as derrotas do passado, anunciar a utopia necessária da libertação humana e não contemporizar com os abutres do capitalismo que jamais dará, sequer, o direito dos vencidos narrar suas derrotas, seus potenciais e velar os seus mortos.